



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

OS CRONISTAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX E AS HISTÓRIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS: PARA LANÇAR LUZ AOS ESCUROS



CHRONICLERS OF THE EARLY TWENTIETH CENTURY AND BRAZILIAN LITERARY STORIES: TO SHED LIGHT ON THE DARK

Laysa Beretta
Universidade Estadual de Londrina, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 09/06/2020 • APROVADO EM 02/08/2020

Abstract

A minor literary genre or not, it is a fact that the chronicle has crossed a century and it is, as pondered by Antonio Candido (1992), a literary text that humanizes, teaching us how to deal with the word in a more intimate manner. Thus, it seemed interesting to me to observe the place of the genre in the early 20th century, meaning, by whom it was produced, what was the expression of this production and, above all, in what way was this production registered as literature. Therefore, I turned to Olavo Bilac Lima Barreto, Coelho Neto, João de Rio and compared five Brazilian literary stories in order to verify the manner in which the chronicle was read, reputed and comprehended (mainly as literature) at that time.

Resumo

Gênero menor ou não, o fato é que a crônica atravessou um século e é, como ponderou Antonio Candido (1992), um texto que humaniza, ensinando-nos a lidar com a palavra de uma forma mais íntima. Assim, pareceu-me interessante observar o lugar do gênero no início do século XX, quer dizer, por quem ele foi produzido, qual era a expressão dessa produção e, sobretudo, de que maneira essa produção foi registrada enquanto literatura. Para tanto, voltei-me para Olavo Bilac Lima Barreto, Coelho Neto, João de Rio e cotejei cinco histórias literárias brasileiras a fim de verificar a forma com a qual a crônica foi lida, reputada e compreendida (principalmente enquanto literatura) naquele momento.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Chronicle. Pre-modernism. Brazilian literary stories. Literature.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas. Pré-modernismo. Histórias literárias brasileiras. Literatura.

Texto integral

Introdução

A história é uma castelã muito cheia de si e não me meto com ela. Mas a minha comadre crônica, isso é que é uma velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as coisas miúdas e grandes, e põe tudo em pratos limpos (Machado de Assis, “A=B”, *Gazeta de Notícias*, 1896).

Advinda do “simples rés do chão” (CANDIDO, 1992, p. 14) e “despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 5), a crônica é reconhecida como gênero literário de certa “brasilidade”. Aclimatou-se ao nosso país com naturalidade e aqui se desenvolveu de forma autêntica e autônoma. Os textos, desde o século XIX com José de Alencar e Machado de Assis, são escritos para o jornal e voltam-se para eventos da ordem do dia: política, artes, entretenimento, cidade e questões sociais. É claro que o formato e o tom mudaram um pouco: o tamanho do texto diminuiu e a crônica foi ganhando certo ar de gratuidade e despretensão. Assim, aventa-se temas como o amor e a morte a partir de “uma língua-geral lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo” (CANDIDO, 1992, p. 22).

No entanto, nem tudo são flores e a crônica, justamente por ser leve, cotidiana, híbrida e provisória, ganhou o status de gênero menor a partir da popularização do jornal no século XIX. Ainda hoje, muito se discute sobre as origens do gênero, sobre as características inerentes a ele, sobre a literariedade presente nos textos e, sobretudo, sobre a condição da crônica enquanto um gênero literário autônomo e de primeira grandeza. O rótulo de gênero menor relaciona-se à crônica

produzida a partir do advento da imprensa e ao fato de que ela valia-se dos *fait divers*, alimentando-se, assim, do cotidiano, do efêmero e do mundano, e deixando de lado as “grandes histórias” e os grandes heróis, ou seja, o que considerava-se a matéria prima para o “gênero maior”.

De qualquer forma, a despeito da efemeridade assinalada (bastante questionável, é preciso adiantar), é impossível ignorar o caráter autêntico e elástico dos textos. Sem pretensões à eternidade, a crônica foi e é o que bem entende: aproxima-se do poema, da narrativa, do fato miúdo, do amor, da mulher que passa, da morte e até de uma receita qualquer (“Receita de Domingo”, Paulo Mendes Campos). A liberdade é quem dá o tom nas crônicas e é ela quem faz com que exímios romancistas (José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto) ou ilustres poetas (Olavo Bilac, Manuel Bandeira e Mário de Andrade) sejam, quando no jornal, legítimos cronistas. Ainda que alguns traços estilísticos percorram toda a obra de um autor, como é o caso da ironia machadiana, a crônica foi capaz, por exemplo, de “amainar a linguagem” de Bilac, de “descascá-las dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa das suas conferências e discursos” e operar “milagres de simplificação e naturalidade” (CANDIDO, 1992, p. 16). Quer dizer, a crônica tem as suas próprias exigências e é qualificada para fazer com que o poeta mais convicto, ao borboletear pelo seu espaço, exerça de forma autêntica o ofício singular de um cronista.

Foi a crônica quem deixou “Bilac plantado à porta da confeitaria Colombo, fazendo elogio do progresso e da técnica com suas crônicas tão significativas por volta do fim do século” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 62), foi também ela quem fez com que Lima Barreto bradasse contra a violência doméstica no texto “Não as matem” e João do Rio escrevesse uma bela crônica sobre o mendigo Justino Antônio, um amigo ideal.

Nesse sentido, não me parece ousado assumir uma dívida com a crônica. Devemos muito a um texto que humaniza, ajuda a “reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” e nos “ensina a conviver intimamente com a palavra” (CANDIDO, 1992, p. 15). Gênero menor ou não, o fato é que a crônica atravessou todo um século e continua sendo, como ponderou Machado de Assis no final do século XIX, uma velha patusca, que “tanto fala como escreve”, fareja todas as coisas e coloca tudo em pratos limpos (ASSIS apud ENGEL, 2008, p.11).

Frente ao exposto, parece-me interessante observar o lugar da crônica no início do século XX, quer dizer, por quem ela era produzida, qual era a expressão dessa produção e, sobretudo, de que maneira essa produção foi registrada enquanto literatura. Vale assinalar que foi no século XX, e com os escritores que seguiram os passos de José de Alencar e Machado de Assis na imprensa, que a crônica amadureceu e se estabeleceu com autenticidade no jornal e na literatura brasileira. Nesse sentido, pretendo cotejar as principais histórias da literatura brasileira e observar o lugar legado a alguns cronistas que escreveram durante as duas primeiras décadas do século XX. Volto-me, assim, para Olavo Bilac (1865-1918), Lima Barreto (1881-1922), Coelho Neto (1864-1934) e João de Rio (1881-1921). A ideia é analisar a natureza dos registros e verificar como a produção de crônicas dos autores selecionados é apreciada.

Vale esclarecer que os nomes não foram eleitos de forma arbitrária, pois outros escritores produziram crônica no período fixado para a análise em questão.

Graça Aranha, Monteiro Lobato e Arthur Azevedo também dedicaram um pouco do seu tempo ao jornal. Detenho-me, entretanto, em nomes cujas produções em crônicas foram mais significativas em número e visibilidade.

Com relação às histórias literárias, selecionei cinco obras: ***A literatura no Brasil*** (1986), dirigida por Afrânio Coutinho; ***História concisa da literatura brasileira*** (1994), de Alfredo Bosi; ***História da literatura brasileira*** (2004), de Luciana Stegagno-Picchio; ***A literatura brasileira*** (2004), de José Aderaldo Castello; e ***História da literatura brasileira*** (2011), de Carlos Nejar. Todas as obras consultadas passaram por revisões, atualizações e novas edições a partir dos anos 1980 e representam, assim, material fiável, acessível e bastante consultado na área de Letras.

Assim, cotejarei as histórias literárias elencadas acima afim de observar os registros com relação às crônicas de cada autor selecionado. Farei isso com o auxílio de uma tabela. Nela, ordenarei uma classificação, de 1 a 6, com os seguintes critérios: (1) o autor não foi sequer citado; (2) o autor foi citado, mas não como cronista; (3) o autor foi citado como cronista, mas não houve alusão a títulos de crônicas ou publicações em livros; (4) houve citação do autor como cronista e de títulos de crônicas, mas sem comentários; (5) houve citação do autor como cronista e de títulos de crônicas ou publicações, com comentários de até 1 página; (6) houve citação do autor como cronista e de títulos de crônicas ou publicações, com comentários que excedem 1 página. Esclareço ainda que a linha total representa a soma das classificações de cada história literária analisada.

Com a classificação, pretendo lançar luz aos quatro autores selecionados com a intenção de compreender de que forma eles são considerados enquanto cronistas e a sua produção de cada um deles (bastante extensa, como mencionamos anteriormente) é citada e, sobretudo, examinada com cuidado.

Coelho Neto

A literatura no Brasil (Afrânio Coutinho)	5
História concisa da literatura brasileira (Alfredo Bosi)	3
História da literatura brasileira (Stegagno-Picchio)	4
A literatura brasileira (José Aderaldo Castello)	3
História da literatura brasileira (Carlos Nejar)	3
TOTAL	19

Coelho Neto publicou mais de 260 crônicas entre 1897 e 1899 na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em uma coluna chamada “Fagulhas” e contribuiu também com o jornal carioca *A noite* entre 1921 e 1923. É importante ainda acrescentar que o príncipe dos prosadores brasileiros teve as crônicas reunidas em diversos livros, como *O Meio* (1889), *Bilhetes Postais* (1894), *Lanterna Mágica* (1899), *Versa* (1917), *Meu Dia* (1922) e outros.

Antes de mais nada, é importante anotar que Coelho Neto não deixou de ser considerado enquanto cronista em nenhuma das histórias literárias analisadas. Quer dizer, mesmo diante de mais de cem romances, a produção de crônicas foi mencionada.

Por outro lado, é também preciso considerar que o espaço reservado ao tratamento das crônicas nas histórias literárias organizadas por Bosi e Nejar, por exemplo, foi bastante reduzido.

Em **História da literatura brasileira**, de Stegagno-Picchio, a produção em crônicas do autor foi mencionada em um capítulo dedicado à escrita machadiana. Ali, há uma passagem bastante elogiosa com relação à crônica e Coelho Neto é mencionado, seguido por menções a Bilac e Joaquim Manoel de Macedo. O mais curioso é que há um subcapítulo bastante detalhado (aproximadamente três páginas) sobre a produção de Coelho Neto. Nele, os romances e contos do autor são observados com bastante cuidado, mas as crônicas não são citadas.

Postura semelhante tem José Aderaldo Castello. O organizador também assinala o ofício de cronista de Coelho Neto, no entanto, não pormenoriza a produção. O título de uma das crônicas do autor (“Idade de Ouro”) aparece em uma imagem do sumário da revista *Kosmos*.

Na mesma direção estão ainda as histórias organizadas por Carlos Nejar e Alfredo Bosi. O primeiro observa Coelho Neto também enquanto cronista, mas não apresenta nenhum título de texto ou obra de crônicas do autor. Bosi, por sua vez, arquiteta um capítulo relativamente extenso sobre o autor, principalmente se considerarmos que se trata de uma história literária concisa. Nele, Bosi discorre sobre a biografia, trechos de romances e qualidades literárias de Coelho Neto. Sobre a crônica, entretanto, Bosi pondera, nas notas de rodapé: “não se citam aqui as obras de crônicas, de memórias, de teatro e as conferências cívicas e didáticas” (BOSI, 1994, p. 199). Quer dizer, o espaço para a crônica existe, mas é bastante limitado até mesmo nas notas de rodapé.

A situação torna-se um pouco melhor com a história literária organizada por Afrânio Coutinho, pois há, no sexto volume, um espaço de aproximadamente vinte páginas dedicado ao ensaio e à crônica. As crônicas de Coelho Neto são observadas brevemente nessa seção e também são citadas (incluindo os títulos das obras) no capítulo reservado ao autor.

Trata-se, é claro, de uma organização bastante extensa: a obra é dividida em seis volumes. Assim, naturalmente, as informações e as referências são elencadas com mais precisão e detalhamento.

João do Rio

A literatura no Brasil (Afrânio Coutinho)	6
História concisa da literatura brasileira (Alfredo Bosi)	1
História da literatura brasileira (Stegagno-Picchio)	5
A literatura brasileira (José Aderaldo Castello)	2
História da literatura brasileira (Carlos Nejar)	5
TOTAL	19

João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, foi um cronista prolífico: escreveu para a coluna “A pobre gente” entre 1904 e 1907 na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. As suas crônicas também foram reunidas em diversos livros, como **Cinematographo**: crônicas cariocas (1909), **Crônicas e frases de Godofredo de**

Alencar (1916) e A alma encantadora das ruas (1908) - primeira publicação das crônicas do autor, realizada pela editora Garnier.

A tabela dedicada ao autor apresenta uma oscilação bastante curiosa, e não somente com relação à crônica. Salta aos olhos o fato de que João do Rio não figura nem mesmo como escritor na história literária organizada por Alfredo Bosi. Em **História concisa da literatura brasileira** (1994), o nome do autor é articulado¹ apenas uma vez e nas notas de rodapé para indicar que parte do texto sobre Coelho Neto era fruto de uma entrevista que o último concedeu a João do Rio. Algo bastante semelhante acontece na história literária organizada por Aderaldo Castello. Em *A literatura brasileira* (2004), João do Rio e o seu livro **O Momento Literário** são citados nas notas de rodapé como referência bibliográfica de um depoimento de Mário Perderneiras.

Nenhuma das histórias literárias elencadas omite que João do Rio foi um grande jornalista e repórter, é fato incontestável. Entretanto, é absolutamente contestável o espaço que a faceta jornalística ocupa, a despeito do João do Rio contista, dramaturgo e cronista.

Por outro lado, João do Rio é caracterizado como cronista antes mesmo de ser lembrado enquanto ficcionista ou jornalista² na história literária organizada por Nejar. O organizador dedica um capítulo ao autor em questão e já no título cita a obra **A alma encantadora das ruas**. O comentário não ultrapassa uma página, mas existe. Com ele, Nejar pondera que “assim como Rubem Braga foi o cronista contemporâneo, com dose de alta poesia, João do Rio foi o cronista extravagante e sinuoso da *belle époque*” (NEJAR, 2011. p. 163).

Nesse mesmo sentido, Stegagno-Picchio cita o autor e o reconhece como cronista no capítulo “As escolhas da prosa literária brasileira: romance, conto, “novela”, crônica, memórias” e comenta: “João do Rio acompanha, em estilo ágil e amiúde competentemente documentado, cada passo da capital, fixando-lhe o antigo rosto em **A alma encantadora das ruas (1908)**” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 437).

É na história literária organizada por Coutinho, afinal, que as expectativas com relação ao tratamento da crônica são alcançadas. Trata-se da única nota 6 não apenas na tabela de João do Rio, mas em todo o levantamento articulado. O cronista é cuidadosamente observado por Coutinho no capítulo “O ensaio e a crônica” (vol. 6). É caracterizado como o iniciador da crônica moderna no Brasil e reconhecido como exímio jornalista e repórter. Além disso, Coutinho afirma que “a obra desse trepidante cronista representa a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante” (COUTINHO, 1971, p. 116).

Lima Barreto

A literatura no Brasil (Afrânio Coutinho)	2
---	---

¹ Perseguiamos, com o auxílio do índice onomástico, ocorrências do nome João do Rio (pseudônimo) e Paulo Barreto.

² É importante salientar que Nejar caracteriza o autor como cronista e jornalista, quer dizer, delimita diferença entre os dois ofícios. Ao contrário, Bosi refere-se a Lima Barreto apenas como jornalista.

História concisa da literatura brasileira (Alfredo Bosi)	3
História da literatura brasileira (Stegagno-Picchio)	2
A literatura brasileira (José Aderaldo Castello)	2
História da literatura brasileira (Carlos Nejar)	2
TOTAL	11

Entre os quatro cronistas selecionados, Lima Barreto talvez seja o mais lembrado na atualidade. Representante emblemático do pré-modernismo, o autor de **O triste fim de Policarpo Quaresma** (1915), colaborou com o *Correio da Noite*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio* e com o semanário *ABC*. Nos jornais, produziu crônicas satíricas, engajadas politicamente e mordazmente críticas com relação à aristocracia fluminense. O número de textos é bastante extenso e também foi reunido em várias publicações, como **Bagatelas** (1923), **Feiras e Mafuás** (1956) e **Vida Urbana** (1953).

A pontuação alcançada por Lima Barreto cronista nas histórias literárias contrariou qualquer expectativa prévia. Inclusive, afirmei anteriormente que, entre os cronistas selecionados para a observação presente, Lima Barreto certamente é o mais lembrado na atualidade, principalmente no meio universitário. De qualquer forma, é desconcertante notar que Stegagno-Picchio muito dedica à biografia, ao estilo de escrita e aos romances do autor, mas não menciona a publicação de crônicas em quase três páginas de apreciação.

Nesse mesmo sentido, Lima Barreto não figura no capítulo dedicado à crônica em **A literatura no Brasil**. Vale dizer que Coelho Nelo, João do Rio e Olavo Bilac são citados no capítulo em questão. Além disso, Coutinho apresenta mais de cinco páginas de apreciação à biografia e aos trechos dos romances do autor, mas não assinala a atividade do mesmo enquanto cronista. Lima Barreto é caracterizado como jornalista e as publicações de crônicas, como *Bagatelas* (1923), são enquadradas na seção “Diversos” (COUTINHO, 1986, p. 218).

A avaliação presente na história literária organizada por Alfredo Bosi é bastante semelhante. Quase dez páginas são dedicadas ao autor em um subcapítulo chamado “O romance social de Lima Barreto”. Ali, discorre-se sobre a biografia, o estilo da escrita, a qualidade das críticas desfiladas pelo autor e trechos detalhados dos romances. As crônicas, entretanto, aparecem nas notas de rodapé (referências de publicações) ou são mencionadas para exemplificar algo nos romances, como quando Bosi pondera que “nos romances de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas cotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática” (BOSI, 1994, p. 318).

Os dois volumes de **A literatura brasileira**, de José Aderaldo Castello, foram consultados. Neles, Castello reconhece, com considerável vigor, a qualidade dos romances de Lima Barreto e o seu papel enquanto observador da cidade do Rio de Janeiro. O organizador ainda assinala o ofício de jornalista do autor quando menciona os seus artigos, mas não se refere à atividade do autor enquanto cronista, tampouco cita alguma reunião de crônicas em livro.

Carlos Nejar, o organizador de **História da literatura brasileira**, refere-se a Lima Barreto apenas como jornalista. Ao elencar as obras do autor, Nejar faz também menção às publicações em crônicas, mas o caráter da produção não é

especificado. O papel de Barreto enquanto militante é reconhecido e o tom é bastante elogioso: “Foi um escritor de inegável garra. No entanto, grande, sim, portentoso é o romancista, dos maiores de sua época, para não dizer o maior (se não houvesse Machado de Assis)” (NEJAR, 2011, p. 161). É curioso observar que maioria das ponderações articuladas no capítulo dedicado ao autor (“Lima Barreto e João do Rio: o reino marginal”) nos remete ao Lima Barreto cronista. Há um trecho, por exemplo, em que Nejar observa que “sua carioquice mergulha na paisagem humana, geográfica, vocabular, boêmia ou noturna” (NEJAR, 2011, p. 161), a crônica, entretanto, não é lembrada.

Olavo Bilac

A literatura no Brasil (Afrânio Coutinho)	5
História concisa da literatura brasileira (Alfredo Bosi)	4
História da literatura brasileira (Stegagno-Picchio)	4
A literatura brasileira (José Aderaldo Castello)	3
História da literatura brasileira (Carlos Nejar)	3
TOTAL	19

Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros e parnasiano por excelência, escreveu para a coluna semanal “Crônica” também na *Gazeta de Notícias* entre os anos 1897 a 1908 e colaborou ainda com o *Correio Paulistano* e a revista *Kosmos*. Ainda que, frente aos poemas, a produção bilaquiana em prosa fique, muitas vezes, de lado, as crônicas, que também já foram reunidas em diversos livros, representam um volume de textos significativo. Destaca-se enquanto publicações de crônicas as seguintes obras: **Crônicas e Novelas** (1894) e **Ironia e Piedade** (1916)

Em **História da literatura brasileira**, Stegagno-Picchio volta-se, demoradamente, para a biografia do poeta parnasiano. Concentra-se, assim, não apenas na qualidade da poesia produzida, mas também no fato de que Olavo Bilac foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ao menos cinco páginas são dedicadas à produção de Bilac, mas a menção à crônica acontece, entretanto, em outros momentos. Aparece, por exemplo, quando a organizadora discute a escrita de Machado de Assis e também quando discorre rapidamente sobre a crônica oitocentista praticada no Rio de Janeiro e seus seguidores. De qualquer forma, é preciso assinalar que a organizadora discorre sobre a crônica com ligeiro cuidado em alguns subcapítulos, como em “A personagem Machado de Assis” e “As escolhas da prosa literária brasileira: romance, conto, “novela”, crônicas, memórias”.

Aderaldo Castello, por sua vez, reconhece o cronista em Bilac, observa a sua colaboração efetiva com a revista *Kosmos* e opina quando afirma que a crônica do autor é “modelar” (CASTELLO, 2004, p. 17). Entretanto, não cita nenhum título de crônica ou publicação. Na mesma direção, Carlos Nejar reserva um número de páginas considerável a Olavo Bilac. As qualidades do escritor enquanto poeta e cidadão engajado são glorificadas. Até mesmo o seu estrabismo é registrado, mas o espaço dedicado à crônica é bastante limitado. O organizador reconhece a existência dos textos quando observa também o ofício de cronista de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, França Junior e João do Rio. No corpo do texto, não há nenhuma referência a títulos de crônicas ou publicações.

Curiosamente, a produção em crônicas de Olavo Bilac é reconhecida em **História concisa da literatura brasileira**. O capítulo dedicado ao autor é composto por uma longa apreciação da biografia e dos poemas. Nele, Bosi menciona, sem ultrapassar o espaço de duas linhas, o exercício de Bilac enquanto cronista. A obra **Crônicas e Novelas** é citada nas notas de rodapé.

Um lugar pouco mais privilegiado foi legado a Olavo Bilac na história literária organizada por Afrânio Coutinho. Bilac é mencionado no capítulo reservado para o ensaio e a crônica. O tom é bastante elogioso: “A novidade que Bilac introduziu foi concentrar os seus comentários em determinado fato, acontecimento ou ideia, o que concorreu para dar a algumas crônicas a feição de ensaios” (COUTINHO, 1971, p. 115).

Vale mencionar que, de modo geral, os valores não oscilaram muito na tabela confeccionada para Bilac, as oscilações estão apenas ligadas à apreciação que as crônicas receberam. Quer dizer, diferente do que acontece com João do Rio, Bilac não deixou de ser observado enquanto cronista em nenhuma das histórias literárias. Adianto duas justificativas possíveis: Olavo Bilac iniciou a sua carreira enquanto cronista substituindo Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e Bilac, antes de ser cronista, foi poeta, o príncipe dos poetas brasileiros. João do Rio, antes de ser cronista, foi jornalista. Nem de longe comungo do mesmo entendimento, mas as justificativas são admissíveis e demonstram a falta de autonomia da crônica enquanto gênero nas histórias literárias.

Últimas considerações ou luz aos escuros

Não pretendo, com o levantamento exposto, reclamar o prêmio Nobel de Literatura a um cronista, mas observar de que forma a crônica do começo do século XX foi apreciada pelas histórias literárias elencadas.

Parto, como afirmei anteriormente, de quatro autores reconhecidos e bastante lembrados com relação à crônica e considero também um momento em que o gênero estava consolidado na imprensa brasileira, quer dizer, o seu espaço no jornal já não era experimental e os textos eram esperados pelo público leitor. Assim, qual não é a minha surpresa quando Bosi deixa de mencionar João do Rio como cronista, e ainda como escritor? E como compreender que Stegagno-Picchio, Nejar e Castello não mencionam a produção de Lima Barreto como cronista, quando o último conta com mais de cinco obras compostas por crônicas publicadas?

Com exceção dos dados colhidos com relação a Olavo Bilac, não há uma constante nas tabelas: enquanto Bosi não reconhece João do Rio como escritor, Coutinho não só assinala a sua existência como contista, jornalista e cronista, como cita títulos de crônicas e tece comentários de mais de uma página sobre a produção. Da mesma forma, com exceção da história literária organizada por Afrânio Coutinho, que discorre sobre a crônica com mais cuidado, enquanto o nome de João do Rio alcança apenas um ponto com relação à *História concisa da literatura brasileira*, o nome de Bilac atinge cinco pontos.

De qualquer forma, é fato incontestável que nenhum dos nomes selecionados alcançou a pontuação máxima. Os valores nem mesmo oscilaram entre as duas notas

mais altas. De modo geral, a pontuação indica apenas para tímidas menções, algumas até escritas com descaso nas notas de rodapé. Assim, as tabelas apontam para os escuros legados à crônica nas histórias literárias brasileiras.

Mesmo que a instabilidade observada impeça uma análise isolada dos posicionamentos e metodologias de cada história literária, é possível aventar ao menos dois motivos para a instauração desses escuros com relação à crônica.

A não diferenciação entre o ofício de um jornalista e de um cronista, por exemplo, parece-me um problema. Lima Barreto foi mencionado apenas como jornalista por Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho. Assim, pergunto-me se os termos não são encarados como sinônimos por alguns organizadores. Essa aproximação sugere o frequentado embate com relação à literariedade de um gênero nascido na imprensa.

Não menos importante é a visível falta de autonomia da crônica nas histórias literárias. As páginas dedicadas aos romances, contos, poemas e biografias superam – e muito – o lugar que a acomoda. Ela é elencada rapidamente. Quando consta, é citada para completar o leque de ofícios de determinado poeta ou romancista.

O gênero não é sustentado por si só nas histórias literárias, isso talvez explique a pontuação de João do Rio nas organizações de Bosi e Castello, pois autor não foi romancista e nem poeta, foi jornalista, dramaturgo, cronista e contista. Assim, não conta com entrecchos de “grandes” e “importantes” publicações para anteceder as menções aos textos “menores”. O contrário acontece com Coelho Neto e Olavo Bilac: o primeiro, o príncipe dos prosadores brasileiros; o segundo, o príncipe dos poetas brasileiros. Entrecchos, rimas e grandes narrativas não faltam aos capítulos dedicados aos autores nas histórias literárias. Nesse sentido, vale considerar que a menor pontuação alcançada pelos escritores é 3, ou seja, na pior das hipóteses, foram lembrados como cronistas.

Diante das pontuações atingidas (há, por exemplo, apenas três notas 5 e uma nota 6), observo que o espaço ocupado pela crônica nas histórias literárias brasileiras é, muitas vezes, a penumbra e o escuro.

Acredito, nesse sentido, que a maneira mais eficaz de reclamar um lugar ao sol para as crônicas é lançar luz aos escuros observados. Não bradando por menções mais expressivas, mas reconhecendo e, sobretudo, compreendendo a existência desse espaço controvertido e à margem. Lançar luz aos escuros é, por exemplo, notar o desencontro entre “o destaque conferido à crônica e o foco mais privilegiado que se destina ao poema, ao romance e até mesmo ao conto” (SIMON, 2011, p. 37.) na prática científica e pedagógica, observar o lugar legado ao gênero nos currículos dos cursos de Letras e compreender que ainda é preciso afirmar que um texto nascido no jornal pode ser literário, até porque, lembrando o título de uma publicação de Carlos Drummond de Andrade, *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*.

Lancemos, então, luz aos escuros enfrentados pela crônica, a nossa velha patusca. Iluminemos as penumbras para que ela não deixe de “penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos” e para que o seu leitor atual possa, a partir dela, renovar “um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos, esfarelado-se na direção do passado” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53).

Referências

ARRIGUCCI JR., D. **Enigma e comentário**: ensaios sobre a literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 5.

ASSIS, Machado de. Apud. ENGEL, Magali Gouveia et al. Crônicas cariocas e ensino de história. Rio de Janeiro: **7Letras**, 2008, p.11.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 14.

CASTELLO, J. A. **A literatura brasileira**: manifestações literárias da era colonial. v.1. São Paulo: EDUSP, 2004.

COUTINHO, A. (dir.) & COUTINHO, E. (co-dir.). **A literatura no Brasil**. 3 vol. 3. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. da UFF, 1986.

COUTINHO, A. (dir.) & COUTINHO, E. (co-dir.). **A literatura no Brasil**. 4 vol. 3. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. da UFF, 1986.

COUTINHO, A. (dir.) & COUTINHO, E. (co-dir.). **A literatura no Brasil**. 6 vol. 3. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. da UFF, 1986.

NEJAR, C. *História da literatura brasileira*: da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

SIMON, L. C. **Duas ou três páginas despretensiosas**: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina/PR: EDUEL, 2011, p. 37.

STEGAGNO-PICCHIO, L. **História da literatura brasileira**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Para citar este artigo

BERETTA, L. Os cronistas do início do século XX e as histórias literárias brasileiras: para lançar luz aos escuros. *Macabéa — Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9., n. 4., 2020, p. 88-98.

A Autora

LAYSA BERETTA é doutoranda na Universidade Estadual de Londrina.